

O Petardo

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Toda a correspondência deve ser dirigida á

Redacção e administração

PADRE BENEVENUTO DE SOUZA

Outeiro — Torres Novas

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Assignantes ordinarios (por anno) 300

Assignantes protectores " 500

Numero avulso 10 reis

EDITOR RESPONSÁVEL

ANTONIO PACHECO

Typographia de José F. da Fonseca

Rua da Picaria, 72



Zé Avelino, rico filho, dá cá esses ossos por teres, á custa das tuas habilidades, apanhado uma boa maquia com que poderás manter essa carcassa no inverno, que não vem longe! Deus te abençoe por seres como a formiga, que faz celloiro no verão para mandar no inverno!

—Agora vamos apresentar-lhes a sr.ª Nenima e o sr. Bernudez. A Nenima adivinha o que o respeitavel publico diz ao ouvido do Bernudez. Não ha suggestão, hypnotismo nem coisa que o pareça. A Nenima senta-se n'uma cadeira no meio da pista do Agua d'Ouro, e o Bernudez aproxima-se de qualquer cavalheiro, que lhe diz o que lhe vem ao bestunto. Por exemplo: «Quero que a Nenima vá procurar o Navarrão, que está na 3.ª fila, 5.ª cadeira, e lhe pergunte quanto ganhou por sustentar a campanha anti-religiosa contra as Congregações religiosas e se subiu no conceito do Nada-se-diz por havel-o metido em camisa d'onze varas?» A Nenima sae do seu logar, vae á tal fila e á tal cadeira e faz a pergunta ao sobre-dito cujo cavalheiro. O Bernudez então explica que foi aquillo que lhe haviam dito para a Nenima fazer, e a plateia rompe n'uma salva de palmas capaz de fazer ensurdecer um mouco. Os patinhos caem aos cardumes no Agua para verem a mulher prodigio, e esta, o Bernudez e o Santos Junior, que é o empresario, agradecem por fóra e riem-se por dentro, cantando em unisono o côro:

Ai! Nós somos os tres ratas
 Ai! Nós somos os tres ratas
 Da situação!
 Dão-nos estes pataratas
 Dão-nos estes pataratas
 Um dinheirão!

Bonne chance, cavalheiros e cavalheira! Continua a ganhar honradamente a vida sem vergonhas do mundo, que isso faz bem á bolsa e á bacoquice indigenal!

E está terminad o espectáculo da quinzena. Os gabarits do ministerio foram fazer—ô-ô—para as praias e thiermas; o Maria No para o Azeitão; o Navarrão para o Luso; o Alfoim para a Réde; o Hint-Ze para Algés; o Zé Luci Ano para a Anadia; o careca Poirier de la Coín para Cauterets. Tendendo, pois, a manada retirado para as

granjas, não pode haver toirada por ausencia de toiros.

Nouvelle à sensation.—O nosso Benevenuto foi n'esta quinzena espairecer o seu arthritismo para a Serra da Estrella, acompanhado d'alguns pintos. Segundo informações que reputamos seguras, regressou da passeata com o estomago concertado, um appetite de causar inveja ao comilão de Cacilhas, e mais dois patacos carimbados de feças physicas. Os petardistas vão dirigir-lhe uma mensagem de congratulação pelas suas melhoras, pedindo-lhe que faça *reprise* do passeio e convida para o acompanhar (com despesas pagas, que é como se cá gastá) os seus companheiros na insana tarefa de *petardear* quinzenalmente. O Thomé Thomaz já está a lambor os beiços; o Tristão Vaz, com os olhos em branco atira madrigaes ás azeitonas; o Gryce queixa-se dos rins, mas até os olhos lacrimejam quando lhe falam em paparoga ao ar livre; o Nós idem, idem na mesma data como o Gryce; o Ego chora como uma criança quando vê a Emulsão de Scott por não poder ir; o Zero baba a pera de contentamento; o Double-zero declara que já lhe passaram as dôres de dentes só com a lembrança de ter tão bons companheiros para a rapioça; e o Sagittario...
 Que diz o Sagittario á portentosa, luminosissima, abracadabrante e paparoqueira lembrança do

Nós?

Causticando...

Quantas vezes, a sós, eu me rio... e bastante! Rio-me de mim mesmo e... não ha que estranhar...
 Deste meu coração mais inquieto que o mar, Para quem tudo é nada e a vida um instante.
 Rio-me da ostentação ridicula, aviltante... De quem—oh! como isto é de veras singular!— Se diz grande e... afinal precisa de algum ar Para ter uma vida alegre e triumphante...
 Rio do soberbo... humilde e do humilde... orgulhoso, De miseravel... rico e do rico... andrajoso, De quem proclama o Bem e... mancha os niveos peitos.
 Rio-me... a vida não é tão má como se diz: Hoje, até é vulgar ser muito mais feliz Quem pisa o seu dever e exalta os seus direitos...
 Colarau.

Cumulos

A um sapateiro: apanhal-o descalço.
 A um cabelleireiro: pôr-lhe a calva á mostra.
 A um lavrante de prata: encomendar uma salva de artilharia.
 A um alfaiate: assentar-lhe as costuras.
 A um sacristão: mandal-o á missa.
 A um carruageiro: vender-lhe carinhos de algodão.
 A um lente: offerecer uma lente.
 A um cego: fazer-lhe vêr estrelas ao meio dia.
 A um pintor: pintar a manta.
 A um senhor do seu nariz: chegar-lhe ás ventas.

Progresso e civilização



Eu vi nas ruas do Porto
 Uma senhora passar;
 Ella ia de nariz torto...
 E ha n'isso que admirar?!
 Por toda a parte encontrava
 Um ferrabraz garotão
 Que bem alto lhe gritava
 Viva a senhora do céu!
 Olhei: nos braços levava
 Um elegante eçosinho
 A quem, beijando, chamava
 Seu bello, rico filhinho!!
 Lulu.

—Meus senhores—temos a honra de lhes apresentar o Zé Avelino, um bello joven quarentão da terra das frigidieiras, um pouco mais bonito do que o moço do cesto dos prégos do Bom Jesus, o qual Zé Avelino fez as delicias do povo tripeiro na ultima quinzena. Este nosso compatriota não é homem, é o diabo em carne e osso.

Elle é prestidigitador, e dos de se lhe tirar a chapelleta, pois rivalisa com o Hermann;

Elle é o Pappus portuguez, pois esteve como o tal homem da pera encerrado alguns dias sem comer, nem beber, nem descomer;

Elle é o Mephistopheles, porque se fez enterrar durante tres dias, um metro abaixo do solo, no Principe Real, com a vera effigie coberta com vidro para que o respeitavel publico lá o visse por um canudo de folheta.

Afinal veio a averiguar-se que o canudo não era para ver o Avelino, mas sim para papar ao respeitavel publico, por caveira, um nikel de 100 reis, ficando e publico respeitavel sem o dito nikel, muito contente pelo Avelino e o Figueirôa terem tido artes de lhe tirar do bolso o rico dinheirinho a troco d'um espectáculo que o divertia;—porque o Zé tripeiro diverte-se precisamente com aquillo que ao outro Zé não agita a menor fibra da sensibilidade.

Historia contemporanea

Carta do cometa de rabo Poirier de la Coin a Combes



Sr. Combes—Cavalheiro de toda a minha consideração e estima.— Não me conhece v. ex.^a, nem isso me admira, porque tenho sido toda a minha vida d'uma modestia inultrapassavel. A minha divisa é esta: «Tirar as brazas do braseiro com a pata do gato», e não me tenho dado mal com o processo. Mas, se v. ex.^a me não conhece, conheço-o eu pelas suas nobres acções, que tem algo de parecidas com as minhas. Tendo, pois, chegado a Canterets, este encantador cantinho da grande e immortal patria franceza, a uso de banhos, que me dizem ser excellentes para fazer crescer o cabelo aos carecas, julguei do meu dever escrever-lhe esta, afim de lhe participar que tem, portas a dentro da terra que v. ex.^a tão sabiamente governa, um seu admirador e emulo.

Querido Combes—permita-me v. ex.^a que assim o trate—na minha patria passo por ser uma mosquinha morta, incapaz de quebrar um prato; mas—aquí para nós—eu sou um passaro bisnau dos de bico amarelo.

Fiz-me politico, porque na minha terra não se arranja a porca da vida sem entrar para os partidos rotativos, e em pouco tempo trepei como mil diabos, conseguindo ser tudo o que quiz e mais alguma coisa, pois tive artes de engazapar meu tio Hint-Ze, que é actualmente o regulo do reino luso. Estava eu no apogeu da gloria, governando o povo tripeiro, quando rebentou a questão religiosa. Foi uma sopa no mel que me appareceu, querido Combes! Com palavrinhas doces para a direita e com piscadelas d'olho para a esquerda, consegui que meu tio Hint-Ze, com o susto que lhe metti no corpo, mandasse fechar as casas religiosas, a pretexto de que, se o não fizesse, os *liberaes*, que eram gente de verga tesa, arrazariam tudo, mandando de presente ao diabo os rotativos e as insituições. E aqui me tem v. ex.^a tal qual sou,—um homem d'uma cana para metter terrores no corpo ao Hint-Ze e o verdadeiro auctor de todas as tropelias contra os reaccionarios, com fama, para quasi toda a gente, de santidade em elevado grau, mas sendo, de facto, o titereteiro que puxou os cordelinhos para a fantochada governamental proceder com tesura e energia.

Ora diga-me cá, querido Combes, aqui entre amigos: Não acha que a minha divisa me está a matar e que sei admiravelmente tirar as brazas do braseiro com a pata do gato? Quem cantou victoria fui eu e quem se queimou nas patas foram o tio Hint-Ze & Companhia. Que diz v. ex.^a á minha habilidade?

Sou ou não emulo de v. ex.^a no odio e travessuras ás Congregações religiosas?

Permita-me, pois, que lhe dê um abraço de confraternidade e a seus pés deponha o meu franco prestimo na cidade de marmore e granito, onde presentemente occupo o logar de primeiro rabbino na administração civil.

Feitos os cumprimentos e apresentações, resta-me dirigir-lhe um pedido. V. ex.^a sabe, e se o não sabe fica-o sa-

bendo agora, que eu, além do mais que por modestia occulto, tenho os arminhos de par no meu paiz, conquistados pela bella figura que fiz durante a questão religiosa. E' muito, e eu não devia cubigar mais. A necessidade, porém, obriga-me a ser um pouco mais ambicioso. Sou careca, e isso na minha terra é um defeito de mil demonios; sou fanhoso, o que não é positivamente um atractivo; sou ratado da barba, o que me dá um aspecto de vaso da noite com arabescos á Bordallo. Preciso, pois, d'encobrir todos estes pequenos defeitos physicos com honrarias, de maneira que estas consigam lazir de modo tal que ensombrem aquelles.

V. ex.^a não quererá ter a amabilidade de me conceder a Legião d'Honra como homenagem aos serviços que prestei á humanidade promovendo, com as minhas habilidades, o encerramento d'algumas capellas jesuiticas?

Creia que é um grande favor que me faz, porque, andando eu á busca de noiva, tudo é pouco para captar as sympathias d'alguma donzella quarentona, herdeira rica, para a minha personalidade, a quem os malditos tripeiros puzeram o rabo-leva de Don'Anna.

Beijando-lhe as mãos de reconhecimento, confesso-me

De V. Ex.^a,
Admirador e emulo,

Poirier de la Coin—por alcunha o
Don'Anna.

Carta de Combes a Don'Anna

Sr.—Saude e fraternidade.—V. s.^a é uma figura tão apagada na historia contemporanea, que, se não tivesse tido a feliz lembrança de me dizer que lhe puzeram o *sobriquet* de Don'Anna, eu não ligaria o nome á pessoa. Assim, conheço-o muito bem pelas referencias amabilissimas que as gazetas lhe tem feito.

Em duas palavras lhe respondendo, porque ando atarefado com o encerramento de casas religiosas e com as desordens promovidas pelos catholicos, que me tem dado agua pela barbella, e não me sobeja tempo para epistolas. Não posso considerá-lo de modo algum meu emulo, como v. s.^a pretende, porque eu sou um renegado, que despi a batina para me tornar perseguidor declarado e afeito do clero; ao passo que v. s.^a é um christão novo, ainda com um coto do rabo judeu no sitio proprio, e um cobarde, porque dá a facada e esconde a mão. Não gosto,—com toda a franqueza lh'o digo—de caracteres como o seu. Eu cá dou de frente com o meu domgado, mas sujeito-me a apanhar, porque todos sabem o que sou, o que quero e para onde caminho. V. s.^a dá, mas ao mesmo tempo põe-se a rir para as victimas, piscando-lhe um olho, assim como quem diz que nada tem com as facadas que lhes vibram e que pôde lavar as mãos como Pilatos.

Não conte, pois, com a Legião d'Honra, porque a não merece. Arranje-se como puder e seja feliz. Se conseguir noiva que tenha aquillo com que se compram os melões, avise, porque n'esse caso talvez não seja difficil apanhar a Legião. Antes não, porque v. s.^a pôde comer a isca e dizer adeus, de longe, ao anzol.

Sempre seu,
Combes.

P. S.—Manda-me uma pinga do Porto, do que se bebe com os olhos em branco, uma duzia de frigideiras de Braga sem moscas e uns figuitos do Algarve, porque desejo conhecer de visu as especialidades do seu paiz. Repartirei o presente com o Loubet, que se péla por coisas boas, e assim se lhe fará a bocca doce para o caso do amigo vir a ter massas para comprar o que deseja.

Pela copia,
Gryce.

Braga, tantos de tal



Não é mesmo no centro da cidade que eu moro, mas sim cá um pouquinho para os lados de Montariol, alli pouco mais ou menos onde morava a Benta do Areal.

Tenho dois visinhos, que são dois pandegos impagaveis; são um casal modelo, que vivem juntos ha perto de setenta annos. São o meu divertimento, á noite, nós que vivemos a paredes meias.

Elle chama-se o Martello e ella a Bigorna. Que bem estão os seus nomes! Ora escutem:

Martello—Já te disse, mulher, que não quero o Petardo em casa, porque é nacionalista; eu cá é que não viro a casaca, hei de ir sempre com o meu chief. Tu bem sabes que foi elle que nos livrou o André, que Deus tenha em bom logar.

Bigorna—Mas home, olha que esse partido novo é de gente honrada; os outros, tu bem sabes, têm nos posto a pedir; olha como tudo está caro, desde o pão ao bacalhau, e nem por isso as decimas descem; pelo contrario, tudo são empregos, dizem que até para a China, tudo á nossa custa; é só dinheiro, dinheiro, para esses politicos, que só te mortificam, quando vêem as eleições; se precisares hoje de cinco tostões, diz-me que não estão em casa.

Martello—Talvez julgues, mulher, que haja algum debsixo do sol que possa endireitar o mundo! Isto sempre assim foi e ha de ser com poucas variantes. Olha, vae fazendo o caladino e deixa-te de politica, que não é para mulheres. Nós por enquanto ainda não temos muito que dizer; temos vivido como duas pombinhas sem fel, e cá nos vamos arranjando como podemos.

Bigorna—Está muito bem; e quando não te deixarem ir á missa, e fecharem as egrejas e dizerem esses marotos que tudo é commum, ficando nós sem a nossa casinha...

Martello—O' mulher, não é tanto assim; olha que no nosso partido tambem ha padres e até abbades, que até já têm saído deputados.

Bigorna—Ora, ora, com que tu veus, homem! Esses padres lá nos partidos são como as taboletas ás portas dos ourives; os politicos servem-se d'elles só para arranjarem gente; demais tomaram elles verem-nos pelas costas. E embora sejam padres, não se deviam metter n'essas cousas com uma tal gente, porque tão ladrão é o que rouba como o que lança a escada.

Martello—Está bem! E para o tal novo partido, onde vaes tu buscar a gente honrada? Queres talvez procurar agulhas em palheiro...

Bigorna—Ainda ha muita gente honrada, homem, mesmo entre aquelles que são politicos. Olha que muitos hão de estar mortinhos que o novo partido vá para diante, para se verem livres d'esses marotos, que não querem nada com as cousas de Deus... Olha, homem, gente que não se importa d'ir á missa ao domingo, e que come carne em todos os dias da semana, e que lê todas as gazetas más, e que fala contra os padres, olha que essa gente não vae commigo á missa, nem merece confiança. Poderá ser muito boa, mas para mim é que não serve.

Martello—Tudo está muito bem, mas a questão é que o caldo ainda não veio... Deixa lá isso para outra occasião.

Bigorna—Toma lá o caldo... Eu só o que queria é que tu não te deixasses enganar por elles, nem perdeses a tua alma. Deixa-os lá á vontade; e a metter-te em politica, vae antes com o partido novo, que sempre é amigo de Deus e da Igreja.....

E por estas alturas, leitores amigos, adormeceu este seu criado.

Zé Dias.

Arte Nova

Dizia ao reu o juiz
Julgando no tribunal.
—Segundo o que a parte diz
Não ha um maroto igual.

Voce não só lhe roubou
O relógio e a cadeia,
Mas ainda lhe empalmou
A bolsa que estava cheia!

E não com isto contente
Dá-lhe por fim uma soidade!
—Dei sim, senhor presidente;
Mas foi pela arte nova.

—Oh André! tu aonde vaes
Tão paralla e tão gentil?
—Sempre és muito curiosa!
Vou a um enterro civil.

—E então é moda agora
Ir assim d'essa maneira?
—Gala a bocca; pois não sabes
Que vou levar a bandeira?..

—A bandeira em vez da cruz!...
Sabes que mais, meu amigo?...
—Para cruz basta a que leveo
Quando passeio comtigo.

—E padre não vae nenhum
N'esse cortejo indecente?
—Não; agora em vez de padre
Vae o nosso presidente.

—E vae esse pobresinho
Sem padre!... sem uma cruz!
Sem uma só oração,
Sem agua benta e sem luz!..

—Sabes que mais?... Agua benta
Não dá vida a corpo morto;
Agua benta é para ti,
Pra mim é vinho do Porto.

—Pois sim; mas esses enterros
Ningum de bem os approva.
—Sempre és muito ignorante...
Isto agora é arte nova!...

Thomé Thomaz.

O' da guarda!



—Para acolá apita-se fortemente.
Que será?

—Ora que será, diz o policia, são os progressistas e regeneradores que se agataniham.

—E voce aqui tão quieto?

—Podera não! Esses homens não têm nem Rei nem Rique, fazem o que querem, nada respeitam.

—Digam lá que o policia é bruto!

Cacheirada.

A chuva de pedrisco

Revelações d'uma sybilla

Foi isto no dia 11 de julho. Haviamos ido ao Porto, tratar dos nossos negócios. O calor era suffocante: os cães andavam de língua de fora; os gatos buscavam a sombra; os animais racionais, do sexo masculino, passeavam de chapéu na mão, casaco e collete desabotoados, bufando como se quizessem arrefecer um prato de sopa a escaldar; os do sexo feminino agitavam febrilmente os leques, abrindo e revirando o pescoço em todos os sentidos como convidando o ar fresco a romper o tenue involucro da farpella e a penetrar pelo corpo.

De repente—ahi pelas 6 da tarde—o céu começa a fazer-se da cor de carvão. Ouve-se o trovão roncav furiamente. As nuvens abrem-se como para nos darem um ar da sua graça, e o pedrisco, do tamanho d'ovos de galinha, começa a cair das alturas, dando-nos a impressão d'um bando de gaivotas, encarrapitados n'uma collina elevada, a querer reservar á pobre humanidade a mesma sorte que teve Santo Estevão.

A debandada foi geral. As ruas, coadilhadas de gente, ficaram desertas n'um abrir e fechar d'olhos: todos se recolhiam aos portões, apalpando a cabeça a ver se desdobriam algum gallo sem crista.

Durou um quarto d'hora a queda do pedrisco. Depois caiu alguma chuva, o céu tornou a mostrar-se de cor rosea e os miseros mortaes saíram dos seus esconderijos, de fecho no ar, a interrogar as estrellas sobre a razão por que os habitantes da terra haviam sido tratados tão descoroavelmente.

Intrigado como o caso, novo nos annaes da tripeira gente, demonos a interrogar toda a gente que encontravamos sobre o extraordinario de tal phenomeno. Eram consequencias da erupção, da Martinica, diziam uns; é a machina que se está a desarranjar, diziam outros; é o começo do fim do mundo, explicavam os mais timoratos. Ninguém nos satisfazia cabalmente.

Como não somos homem para ficar com um problema insolúvel, resolvemos exgotar todos os meios para chegar á averiguação do phenomeno. Os homens de sciencia nada nos diziam: visto que a sciencia não pesca d'esta regedoria, dissemos, vamos interrogar o sobrenatural.

E dito e feito.

Perguntamos onde era o Codegal para procurar a illustre sybilla, que alli descobre o que para a humanidade ha de occulto, e puzemos pés a caminho.

Chegados á porta:

—Traz, traz.

—Quem é?

—Um pobre mortal que vem pedir luz para o seu espirito em trevas.

—Entre.

Entramos. Uma sala bem mobilada. Ao centro, recostada n'uma *chaise-longue*, uma respeitavel matrona dos seus 50 bem puxados com uma pera capaz de fazer inveja ao nosso Karrilho. Ao lado, n'uma cestinha de vime, duas massarocas, um ramo d'alceim e uma tijella de sal. Em frente da matrona, uma mesa de pé de gallo com um baralho de cartas.

Ella:

—Que o traz aqui, illustre mortal?

Engulimos em secco. Estavamos atrapalhado em face d'aquella extraordinaria creatura. Afinal, fazendo um esforço supremo:

—Nobre sybilla, a seus pés vimos depór a solução d'uma duvida que nos atormenta o espirito. Confiamos na sua sabedoria; mas, como se trata d'uma coisa extraordinaria, nunca vista...

Ella carregou o sobrecoenho e disse-nos, secamente:

—Para mim não ha mysterios. Tudo

o que para os mortaes é nublado, para mim é claro como a luz do sol. Explique-se sem rodeios, illustre mortal. Pergunte e saberá.

—O diacho da matrona tirou-nos todo o acanhamento e tornou-nos um crente sincero nas suas virtudes. Elevando a voz, dissemos-lhe:

—Pois bem, illustre sybilla, saberá que acreditamos nos seus poderes extraordinarios com a mesma fé com que cremos que o Hutz-Z é está disposto a acabar com a bella di a batotinha em terras lusas. Oiga-nos, pois, com attenção: Somos provinciano, viemos ao Porto tratar dos nossos negocios e presenciamos, assombroso, a chuva de pedrisco, que hontem caiu sobre a cabeça dos pobres tripeiros, que passeavam a sua gottá e o seu arthritismo pelas ruas da cidade. Saberá vossa illustre sybillencia dizer-nos o que significa este pedrisco a apontar as janellas, as ruas, os jardins, as estufas e o bello rosto dos filhos da cidade inivicta?

A sybilla fitou-nos demoradamente. Depois, erguendo um braço, disse-nos autoritariamente:

—Mortal illustre, a sua curiosidade vai ser satisfeita!

Na sala faz-se á trava. Um armario, que estava ao fundo da sala, escancarou as suas portas e a nossos olhos appareceu um mostrango de longa barba branca, rodado de luz azulada, como a do fogo d'artificio no Palacio de Crystal.

A sybilla:

—De joelhos, mortal! Vae falar o immortal!

Cahimos não de joelhos, mas de costas.

A voz do immortal ecoou então compassadamente aos nossos ouvidos. Dizia:

—Recordas-te, mortal, das scenas do anno passado, por occasião da questão religiosa? Bandos de borrachões, pagos por invisível mão, apedrejaram os vidros de casas religiosas. A terra riu, mas o céu tomou nota no canhenho para, na primeira occasião, pagar violencia com violencia. O que tu presenciaste foi o castigo dos apedrejamentos do anno passado. Dente por dente, olho por olho: lê o Alfoim e verás que elle diz que isto lá vem na Escriptura. Repara mais: quem ficou com os vidros estilhaçados? Os da Liberal e mormonte o Anthero, do Bolhão. Ah! tens, misero mortal, desvendado o mysterio do pedrisco, que tanto te intrigou. Vae com Deus e com a SS. Virgem!

O armario fechou-se como por arte magica. A luz do dia invadiu á sala.

Levantei-me. Atrapalhado, peguei no chapéu e na bengala, dirigi-me á sybilla e perguntei-lhe:

—Devo alguma coisa?

—Cinco mil reis para azeite da lampada que dia e noite me allumia.

Metti a mão no bolso, dei uma nota de 5000 reis á sybilla e galguei os degraus da escada dois a dois. Cã fora, sentindo apontar-me o rosto um naco d'ar oxygenado, esfreguei os olhos, olhei para todos os lados a vêr se algum me vira sair d'aquella toca, e philosophiei:

—Cinco mil reis para saber uma verdade que passou despercebida a todos os mortaes, é um ovo por um real!

E d'ahi a poucas horas dizia adeus ao Porto, prometendo honral-o e menos vezes possível com a minha presença, receoso de que o pedrisco tenha bis pelos crimes passados dos taes borrachões ou por outros que ainda estejam na forja.

Nós.

Metagramma

Veio ter á minha mão,
Abrindo o rego direito,
Cobrou a nossa afeição;
Mas ficou preso e sujeito.

A cara d'elles

Meus amigos:

Recebi hoje esta carta do nosso Padre Benevenuto que me tem feito andar em palpos d'aranha e pelas pontas dos chuzos da policia...

Eu lhes explico: Quando a recebi e principiei a ler suppuz que fosse escripta em grego, supposição que modifiquei por me ter visto grego—para não ler nada. Procurei uns oculos; pois acreditando elle com oculos era possível que só com tal auxilio o conseguisse; o que consegui foi augmentar a gafanhada. Fui ter com o meu abbad pro presumir que o Padre tivesse escripto em latim; mas qual! disse-me o sr. abbad: Não duvido que seja latim; mas latim portuguez não é, com certeza; provavelmente é latim da India, onde o Benevenuto esteve uns poucos d'annos.

Um tocador que ali se achava, interveio:—Isso é musica; lá está em cima a clave do sol.

—David; lá para o sul tambem tem chovido.

—E', pode crer. E' musica de bombo.

—Negocio de panfalaria, murmurei saído.

—Na rua encontrei o Motta, paleographo, a quem mostrei a epistola, que m'a devolveu depois d'um attento exame.

—Você não a entende? inquiriu.

—Nem patavina!

—Nem eu!

E volta-me as costas.

Aturdido e já com dores de cabeça, entro n'uma pharmacia para tomar anti-perina e ocorre-me pedir ao praticante a decifração dos arabescos.

O rapaz compõe as lunetas, vira e revira a carta; soltara e resoleira, desenvolvendo-m'a meia hora depois, dizendo: Não a comprehendendo toda; mas o sentido é pouco mais ou menos isto:—«Se você não se resolve a fazer caricaturas com graça, mando-o caçar cãs!»

Fiquei aterrado e com a sensibilidade intellectual immobilizada; mas uma scotilha me allumia repentinamente e pergunto ao praticante:

—Oh sr. praticante: Como na botica ha de tudo, tambem deve haver graça. Vende-me uma pouca, por caridade? E' só para este numero.

—Ha, mas não se vende; só nos droguitas.

Sai resolvido a tudo; ainda que tenha de gastar dez tostões ou um quartinho, hei-de encher o Petardo com graça, planei.

Entrei n'uma drogaria e o mais amavelmente que soube, pedi ao empregado:

—O meu amigo cede-me ahi dez tostões de graça?

—Você está doido? Dez tostões de graça!

—E' pouco? perguntei humildemente. Então um quartinho ou quinze tostões...

—Oh santinho, vá-se embora, quando não atiro lhe com uma mão cheia de mostarda aos olhos. Ora o moinantel! Sai corrido, lamentando o negociante que tem empregado tão malcreado e procurei outro droguita.

N'esta estava um homem de má cadadura, que insultava os caixeiros por terem deixado estragar uma caixa de sinapismos *Rigolot*. Quando reparou em mim perguntou:

—Que quer?

—Que tenha a caridade de me ceder ahi quinze tostões de graça.

—Hein! E logo quinze tostões! assim mesmo de chapéu na cabeça!

Descobri-me humildemente e observei não ser de mais para quem não tinha...

Não me deixou concluir. Agarrame por uma orelha, chama o policia de giro e diz-lhe:—Aqui tem um cavalheiro

de industria! O policia levou-me para a esquadra a toque de amavios pontapés; uma vez ali expliquei miudamente ao chefe a minha infelicidade. Este funcionario, convido de mim, disse-me: Você procurava graça? Vá a pharmacia da Graça.

Lá fui muito esperançado. O pharmaceutico sorriu bondosamente e mostrando um *cliché photographico*, animou:

—Vê estes ratões como expandem a sua alegria em francos gargalhadas? foram spanhados palainstantanea quando ouviam ler o *Pedardo*.

Pinte-os lá e ponha por baixo:



Olhem para a cara d'elles!

Zero.

Um bom philosopho

Parade em meio, amigo
Vive um rapaz, bom amigo,
Que oço falar só na sala;
Ora vou ver se consigo
Falar-vos como elle fala.

«Este que mostra altaneiro
S5 pndonor sem virtude,
Como bolsa sem jinheiro,
Fargante, e não cavalheiro,
Representa, não o uile.

Fazer sabe esse elegante
As bruxarias da moda;
Tem sua mesa girante
E traz a cabeça á rola;
Pobre tolo nigromante!

A mulher que cartas deita
Para si tome a recita;
Adivinha a sorte grande,
Pois tem a fortuna feita
Na pharmacia coza que anda.

De sombrinha, leque e luva
Vem-me a soliteira tentar:
Muita parra, e pouca uva
Antes quero uma viuva
Que me saiba cozinhar.

Assás tenho cogitado
Que devo tomar estado,
Nem eu quero aniar á solta;
Mas não sou neahum linguado
Que se pesque n'agua envolta.

Era a minha namorada,
Antes de vir este entrudo,
Tão modesta e recatada,
Que eu dava por ella tudo;
Mas agora... nada, nada.

Esta galante visinha,
Que tão lindos olhos tem,
Sósinha falar-me vem!
E vem falar-me sósinha?
Já não julgo d'ella bem.

Ouvir a mulher casada
A queixar-se do marido,
Coisa é que muito me enfada;
Mas nunca de condoído
Lhe direi: Mal empregada.

Dizem que na antiguidade
Os brutos falavam bem:
E creio que foi verdade,
Pois a esta Universidade
Falam macacos tambem.

De certo escriptor insano,
Que mostra um odio ferino,
Já dizem que é mais que humano;
Não ha duvida: o menino
Mais que humano... é quadruman.

Falando sempre em segredo
A consciencia nos vem:
E contudo temos medo
Que lhe oia a voz mais alguem!
Tal medo de que provém?

Assim anda o meu amigo
Na sala falando a só.
Traz a cabeça comido,
E' um philosopho antigo
Do tempo dos Pharaos.

Ego.

O milagre

Todos os que conheciam o sr. João Cegonha não invejavam a sorte.

Só elle tinha bons filhos: trabalhadores, socgados, prudentes e de bons costumes.

Só elle era feliz; gozava a paz domestica, não devia nada a ninguém e todos o respeitavam, apesar de humilde operario; até o patrão, um interessado de marca maior, tinha por elle singular consideração.

Perguntavam-lhe: O' seu João, por que motivo trabalha o Manel Custodio, o Joaquim Caniço, o Antonio Pegas tanto como vocemecê, com menos familia e vivem tão atrapalhados com a vida d'elles?

—Eu não sei, retorquia o Cegonha, se elles vivem atrapalhados, ou como vivem; o que sei é que elles trabalham e d'isso vivem.

Ficava-se por aqui. Não havia meio de lhe arrancar uma censura ou condemnation. Chamavam-lhe sovina; porque não pagava meio litro a ninguém, e os filhos já lhe seguiam o exemplo.

Um domingo vinha o Cegonha da igreja a caminho de casa; passando pela taberna do Zé Maneta viu que uns poucos dos seus companheiros altercavam desbragadamente com o taberneiro por uma differença nas contas. O Joaquim Caniço, avistando-o, avisou os camaradas e sahiram para o obrigar a decilitrar; mas o Cegonha, obediente a velhos habitos e a principios inalteráveis, respondeu-lhes:



—Camaradas: Como vós, gosto da minha pinga, mas bebo-a em casa com a mulher e os filhos; e quem em sua casa come e bebe o suficiente, não precisa nem de andar por fóra a beber; pois gasta mais n'uma tarde comigo só do que n'uma semana com toda a familia.

Não pago vinho a ninguém para não obrigar a pagarem-m'o; não accetto nada de ninguém para não ter de retribuir. Son assim, e vós já me conheceis.

Se qualquer de vós precisar, por infelicidade, do meu caldinho, da minha cama e até do meu credito, batei á minha porta; porque Deus manda amar o proximo como a nós mesmos; e quem observar o melhor que possa os Seus santos mandamentos, está sempre de bem com a sua consciencia e com os homens...

—Você, interrompe com ar de refflão o Antonio Pegas, tem uns modos de dar conselhos que offende; como é o ai Jesus do patrão, que o gratifica á custa dos outros desgraçados, entende que deve humilhar com a sua hypocrita santidade os companheiros...

—Escuta, Antonio, diz contemporizando o bom Cegonha, eu não humilho ninguém, porque a scherba é um peccado que procuro sempre evitar; e gratifico igual a que recebo do nosso patrão pedes recebê-la tu e todos, se vos condizirdes como eu.

—Não trabalhamos nós? berram simultaneamente os frequentadores da taberna.

—Trabalhaes; mas o trabalho que se dá ao patrão em troca do salario não deve levar consigo a maldição inspirada pela vida desagrada; não pode nem deve ser o labor d'um suor que se derrama sob o pezo d'um jugo pezado, mas o fructo consolador d'uma vontade que o permuta por outro que o remunera. Cumpri religiosamente, altiva e dignamente todos os vossos deveres e sereis eguaes a mim!

—Você é um deido, um fanatico, grita aggressivo o Pegas, um papa missas e novenas, que se roja como a serpente, se sujeita como um escravo por conselho dos sotainas, só com mira no reino do céu. Nós não acreditamos no céu nem no inferno, em Deus nem no diabo, para não nos furtarmos ao prazer de gosar neste mundo o que na campá, onde tudo acaba, se não pode gozar.

—Desgraçado! lamentou o Cegonha, Deus Nosso Senhor faça o milagre...

Grande gargalhada prorompeu d'aquelles peitos inconscientes, que não conseguiram ferir, nem sequer desconcertar o bom João Cegonha.

—Pois você, seu João, acredita em milagres? troçou o Pegas. Ainda gostava que algum me provasse essa pantomimic!

—Queres que te prove o milagre?! pergunta convicto João Cegonha. Nada mais facil: vés aquella varanda da casa do sr. D'endes de Sá?

O Pegas volta as costas em procura do ponto indicado e antes de o fixar bem, um formidavel pontapé dado pelo Cegonha o fez voltar irado, dizendo: Que brinadeira é esta?



trabalhas para enriquecer a sociedade que te avilta e despresa, emquanto tu enxugas com a mão callosa as vestas de suor que te humedecem o rosto, emquanto tu enganás o estomago

—Sentiste? perguntou serio o Cegonha.

—Se lhe parece?! pareceu-me um coice!

—Ah! tens, se não sentisses era um milagre. Roze.

Correio da casa

Ri-Cardo.—Deus lhe transforme em habilidade o que lhe sobeja em boa vontade. Rendidos nos prostramos a estes dois versos, que captiva a nossa gratidão:

Bemvindo seja O Petardo,
Cumprimental-o é dever.

Mas ha de permitir-nos o Ri-Cardo que, á maneira d'agradecimento, complete-mos nós a quadra assim:

Merci, amigo Ri-Cardo;
Adeusinho até mais vêr!

Juca.—Não pôde ser, seu Juca. Rir-se iam de si e de nós. De si, vá que não vá, porque é um careta; mas de nós... é necessario ter tento na boia, porque não queremos perder os creditos de gente grave e sisuda. Que malqueira, seu Juca, a de nos vir falar dos males que lhe causou a ingestão de quatro ameixas! D'essas coisas só se fala em familia e junto do water-closet. Ora vá com Deus!

Jersey.—Venha de lá um chi do coração! Não pela prosa, que foi condemnada a ir purgar os seus peccados para o fundo da cesta dos papeis velhos, mas pelas quatro assignaturas. E sempre amiguinhos, não é assim?

Samsão.—A homem de tal força, mister se torna fazer a vontade. Será servido. Mas se se tornar muito exigente, mandar-lhe-hemos O Sagittario, que é uma Dalila de se lhe tirar o chapéu, cortar-lhe os cabellos, e, então, lá morre o Samsão e quantos com elle estão. Não abuse da sua força, porque lhe pode succeder desgraça granda...

O Sem.—Serás tu o Semea? Se és, para longe da porta, porque estás falsificado com serrim, gesso e mais drogas. E' comida muito grosseira para estomagos tão finos como os nossos. Além d'isso, amiguinho, tu não nos dizes quem és e por isso te consideramos qual um duende, que nos apparecesse á hora fatidica da meia noite a pedir-nos a esmolinha d'entrar para o convívio dos petardistas. Cruze, canhoto! Arreda, alma damnada! Se te não pões ao fresco, spanhas um tiro do Zero, que é homem que maneja o petardo com toda a valentia.

Antonio.—Valha-te Deus, Antonio! E's bom rapaz—o teu conto o diz, porque é o espelho da tua alma—mas não tem pitada de sal. E o caldinho enosso nem o dêmo, que dizem ter boa bocca, o pôde tragar. Por isso, a despeito da nossa boa vontade em ser-te agradavel, não podemos deixar de dizer-te:

Vae-te embora, Antonio,
Vae-te embora, vae!...

com o magro caldo que te depaupera as forças e os filhos choram com o frio que lhe atrophia os membros e com a fome que lhe tira a vida, o patrão passeia em luxuosos coches, salpicando de lama a blusa que tu vestes e que é o braço da tua fidalguia! E á lauta mesa em que saboreia opparros banquetes e faz tilintar as taças de crystal, repletas de vinhos louros e espumosos, solta risadas mephistophelicas, para não ouvir os gemidos das victimas que lhe fornecem o ouro para as suas bachanaes!

«Pois bem. Não mais obrigações sem direitos. A propriedade é um roubo. Ergue a tua fronte macerada pela tyrannia das classes oppressoras. Proclama o grande principio social: os homens são iguaes. Viva a liberdade, a igualdade e a fraternidade!...»
(Continúa). Thomé Thomaz.

Coruja.—Tem razão, Coruja amigo. Razão tem, mas falta-lhe a justiça. Em havendo aquillo com que se compram os melões, que é o que falta para que a justiça esteja toda do seu lado, ha de ver como os seus desejos são satisfeitos. Antes não, porque, em vez de fazermos obra mais do seu e do nosso agrado, podemos dar com as ventas n'um seideiro. O Coruja já experimentou o que é essa petisqueira?

Se não, experimente, e diga-nos depois as suas impressões. E' melhor do que uma canja de gallinha, depois d'um jejum forçado de 24 horas. Creia-o!

Fabricio.—Este illustre cidadão, que não temos a gloria de conhecer, pede-nos que lhe mandamos n'O Petardo «uma poesia da sua lavra, a primeira que a sua lyra minhota desferre.»

Vamos fazer-lhe a vontade a meias, ou, mais propriamente falando, a quartas, porque o Fabricio produziu quatro quadras. Vae uma e calar, porque outros nem tanto conseguem. Oigam os leitores amigos, que ella ahi vae:

Toca, toca, toca,
Toca a assobiar;
Vou já para a meza
Pôr-me a manducar.

Faz muito bem, Fabricio, e creia que todos lhe hão de louvar esses nobres sentimentos. Cautela, porém,—é conselho d'amigo!—que o assobio lhe não caia. Olhe que é um perigo, mórmente se, depois d'elle lhe cair, estiver resolvido, como diz, a ir encher o estomago.

A. Braz.—Diz-nos, entre outras coisas que fazem bem ao peito, o amigo Braz: «Por aqui todos querem saber quem são os que, com varios pseudonymos, escrevem n'O Petardo. Se v. não quer dizer os nomes dos collaboradores por modestia, porque não ha de publicar-lhes os retratos? Ao menos fica-se fazendo uma ideia...»

Tem razão o amigo Braz. Compreendendo-se que a modestia da nossa modestissima tropa não consinta a publicação dos seus nomes, com receio de passar á posteridade, o que seria uma espiga medonha, porque os nossos ossos podiam ir parar aos Jeronymos; mas a exhibição da nossa effigie... isso é outro cantar!

Os Zero e Doble Zero, consultados sobre a genial ideia do amigo Braz, votaram contra e negam-se a fazer os macacos; mas o Gryce, que, sem querer-mos offender a sua enormissima e inultrapassavel modestia, é, como se verá, um lapis superior ao Boddalo, immediatamente se promptificou a fazer a effigie de todos os nossos collaboradores. Sahirá uma em cada numero, porque não podemos dar grande fatura por 10 dez reis... por causa das indigestões.

Charada

Serviços nobres e vis,
Mas uteis sempre ella presta:
Foi algum dia ama infesta
Erguida em mãos feminis—1
Ao meu dicto achaste graça?
Pois olha não é chalaça—1

De vicios, crimes e dolos
E' este um pégo profundo:
E' este o cranio do mundo,
Mas um cranio sem miolos.
Muita gente acha-lhe graça,
Que é a terra da chalaça.

Ego.

Charada

(Do numero passado)

Decifração:—Escrupulo.

Charada decapitada

(Do numero passado)

Decifração:—Pacato, Acato, Cato, Ato.

3 Folhetim d'O PETARDO

QUEM SEMEA VENTOS...

D. Bernarda tambem faz ensaios de oradora.

Quando assim acontece, colloca-se junto da meza em attitude demosthenica ou mirabolante e fala ardentemente, apaixonadamente, furiosamente ao publico que a ouve boquiaberto e entusiasmado. Este publico é a Seraphina e a gata malteza que, para melhor ouvir os discursos da ama, sobe á meza, fecha os olhos, occulta a cauda e não perde uma só palavra.

Excerpto de um discurso que eu tachigraphiei no meu aparelho auricular: «Povo trabalhador: Emquanto tu